

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA, BRASIL, COM O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO.

LIMA, Eliany D.¹

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

lialima_1981@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: Geografia Urbana

RESUMO

As alterações que são produzidas no espaço urbano ao longo do tempo histórico permitem analisar de que forma ocorre à apropriação do espaço, especificamente no modo de produção capitalista. Neste processo transformações foram sendo realizadas para garantir às condições que possibilitam a efetivação da acumulação de capital, sendo o espaço urbano extremamente importante para a dinâmica produtiva do modo capitalista de produção. Neste estudo, faz-se uma análise sobre as transformações no espaço da cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil, especificamente a partir do processo de modernização industrial intensificado na década de 1970, o qual auxiliou a urbanização, enfatizando as mudanças promovidas na realização da Feira Livre. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo refletir as transformações no sistema de circulação estabelecido no município de Feira de Santana/BA. O estudo é desenvolvido a partir da abordagem crítica da realidade, de modo a compreendê-la na totalidade das relações. Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa são: a revisão de literatura, a partir da qual foi possível compreender o processo de produção do espaço, assim como a análise sobre a modernização e a industrialização; outra etapa foi à realização da pesquisa de campo e a observação da realidade específica objeto de estudo; coleta de dados para identificar as informações pertinentes para a investigação, com posterior tabulação e análise. Os resultados obtidos até o momento permitem verificar que a partir da metade do século XX a atuação do Estado favoreceu o processo de industrialização, associado a isto se verifica a intensificação da urbanização da cidade, o que pode ser observado com as mudanças na dinâmica da realização da Feira Livre, destacando que além da construção do Centro de Abastecimento, em 1977, que auxilia a compreensão da dinamicidade do processo na cidade de Feira de Santana, o que ocorre seguindo a lógica geral do modo de produção capitalista.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Modernização; Feira Livre.

¹ Professora Substituta do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integra o Grupo de pesquisa Estado, Capital X Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territoriais (NPGEO/UFS).



Introdução

A análise sobre a produção do espaço possibilita uma reflexão sobre os processos que nele ocorrem no decorrer do tempo histórico, os quais estão relacionados ao modo de produção no qual está inserido, especificamente o capitalismo. Na medida em que este avança o espaço vai sendo transformado de modo a garantir as condições para sua concretização, o que é analisado neste artigo considerando o espaço urbano do município de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

O estudo foi desenvolvido para refletir sobre as transformações no sistema de circulação estabelecido no município de Feira de Santana, especialmente a partir da década de 1970, quando significativas mudanças ocorreram no espaço urbano, as quais despertam interesses para a realização de pesquisas sobre o tema.

Para a construção do artigo foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: a revisão de literatura; pesquisa de campo e coleta de informações com posterior análise, construída a partir do método dialético, de modo a compreender as condições gerais e as especificidades de Feira de Santana para refletir sobre a realidade investigada. O texto está estruturado em dois subitens e as considerações finais; no primeiro subitem faz-se uma análise a produção do espaço urbano, com ênfase na formação do município de Feira de Santana, identificando aspectos relevantes para a compreensão da realidade local, e no segundo explicamos como o processo de modernização promove mudanças no espaço urbano, destacando as mudanças específicas em Feira de Santana.

1. A produção do espaço urbano: uma análise sobre a cidade de Feira de Santana

A discussão sobre o espaço urbano deve perpassar pela compreensão de que o mesmo é produzido ao longo do processo histórico, sendo, portanto, espaço geográfico, de extrema importância para as investigações geográficas. Neste sentido, é necessário explicá-lo enquanto produção social, no qual ocorrem transformações geradas no decorrer do tempo histórico, produzidas pelo homem para atender as suas necessidades, por isso, é indispensável entender que

[...] a ideia de exterioridade do espaço geográfico em relação ao homem contrapõe-se a ideia de produção humana, histórica e social. O espaço geográfico não é humano porque o homem o habita, mas antes de tudo porque é produto, condição e meio de toda a atividade



humana. O trabalho, como atividade do homem, tem caráter intencional e voluntário, o que implica a transformação do objeto em algo apropriado; o processo produtivo é assim um processo de produção concreta, nascida do trabalho; uma resposta do homem as suas necessidades. A satisfação das necessidades de sobrevivência do homem e da reprodução da espécie coloca-se como a condição do processo histórico (CARLOS, 2008, p. 33).

O homem ao produzir o que necessita, como abrigo, vestimenta, alimentação, instrumentos, entre outras coisas, também produz o espaço, tudo para favorecer o seu desenvolvimento de acordo com as condições históricas de sobrevivência e reprodução. Por isso, explicar o espaço como algo externo ao homem, como se fossem duas coisas estanques que podem ser estudadas separadamente, não permite compreendê-lo na totalidade, pois onde um é condição para o outro, e que se encontram em constante processo de modificação.

O espaço não pode ser observado como se fosse algo *a priori*, pois é do uso que dele é feito que se estabelecem as condições para entendê-lo ao longo do processo histórico, o que pode ser observado de modo ainda mais evidente quando analisamos especificamente o espaço urbano. Quando observamos as transformações que nele ocorrem, percebemos que estas são produzidas para atender as demandas sociais de acordo com o modo de produção, as quais se intensificam com o desenvolvimento da divisão do trabalho, posto que se amplia a possibilidade de modificação que o capital exerce na relação homem-natureza-sociedade.

Para compreender este processo é importante considerar que, na medida em que o desenvolvimento do homem avança, a capacidade de criação de alternativas para atender suas demandas também aumenta, o que garante a transformação das condições de vida, tais como moradia, alimentação, entre outras, e conseqüentemente no espaço urbano, o que ocorre com a modificação que o homem promove mediante à realização do trabalho. Neste sentido, é importante entender que

O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana (MARX, 2008, p.64-65).

O trabalho é essencial e permite, como afirma Marx, o intercâmbio entre o homem e a natureza – processo no qual se constroem as bases para o estabelecimento da sociedade, produzindo transformações tanto nas relações sociais, como no espaço. Portanto, o homem cria e recria as condições para a realização do trabalho e, à medida que este é modificado, o espaço é apropriado para sua efetivação.



O espaço é produzindo, ou seja, criado para garantir que o desenvolvimento das relações sociais ocorra de acordo com o processo histórico, utilizando o substrato material de acordo com o interesse, e não como determinante das relações sociais que nele se efetivam. Neste sentido, é importante observar que

Desde a mais tenra existência humana, indivíduos constroem uma relação social que também é espacial. Assim as comunidades tribais da chamada Pré-História organizavam-se em áreas de dimensões restritas, porém com propósitos coletivistas, o que acarretava a edificação de obras, cujo acesso fosse assegurado a todos que pertenciam a mesma. A produção espacial, inserida no bojo do conteúdo das relações sociais de um determinado período é, portanto, ontológica ao ser social (LIMA & CONCEIÇÃO, 2010, p. 84).

A produção do espaço está relacionada, portanto, às relações sociais construídas ao longo do tempo no desenvolvimento da existência humana, variando de acordo com as condições materiais, históricas e sociais construídas em cada período. Por isso, em uma análise crítica sobre o espaço é preciso considerá-lo não como substrato pré-estabelecido.

Ao conceber o espaço a partir do entendimento da concepção crítica – do espaço produzido no processo de determinação histórica das relações capital e trabalho, se objetiva analisar a leitura na inserção das relações mais amplas, na totalidade das relações (CONCEIÇÃO, 2005, p. 169).

Especialmente quando consideramos o espaço urbano compreender as relações amplas nas quais o mesmo é produzido é a base para entender a realidade em sua totalidade, considerando determinações gerais e particularidades locais que coexistem no seu processo de produção. Neste caso, é preciso analisar como se desenvolveram as relações que são definidoras das características que são comumente observadas no espaço urbano.

Neste sentido, compreende-se que a produção do espaço urbano é consequência da forma como a sociedade atua para atender suas necessidades. Esse processo está em constante desenvolvimento e no momento atual é marcado pelo capitalismo que de acordo com Corrêa "(...) é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista." (CORRÊA, 1989, p. 8). Assim, verifica-se que a produção é diversificada, e é produzida de forma a atender a demanda do capital, o que pode ser observado a partir da diversidade de formas, que se observam na cidade em decorrência da lógica predominante. Comprova-se, portanto, que a produção do espaço urbano é um processo que atende as especificidades do modo de produção, no qual como afirma Bernardelli "(...) as dinâmicas econômicas, sociais e políticas têm repercussão



espacial, bem como o espaço coloca-se como condição para que estas ocorram como parte de um processo complexo e contraditório no capitalismo.” (BERNARDELLI, 2003, s/n).

Neste artigo tem-se como objeto de estudo a cidade de Feira de Santana (Figura 01), sendo que o interesse por compreender como ocorre a produção do seu espaço urbano emerge da observação das significativas transformações que o mesmo passou nas últimas cinco décadas. No entanto, buscou-se realizar uma breve contextualização do processo histórico de sua formação para subsidiar as análises para a pesquisa.

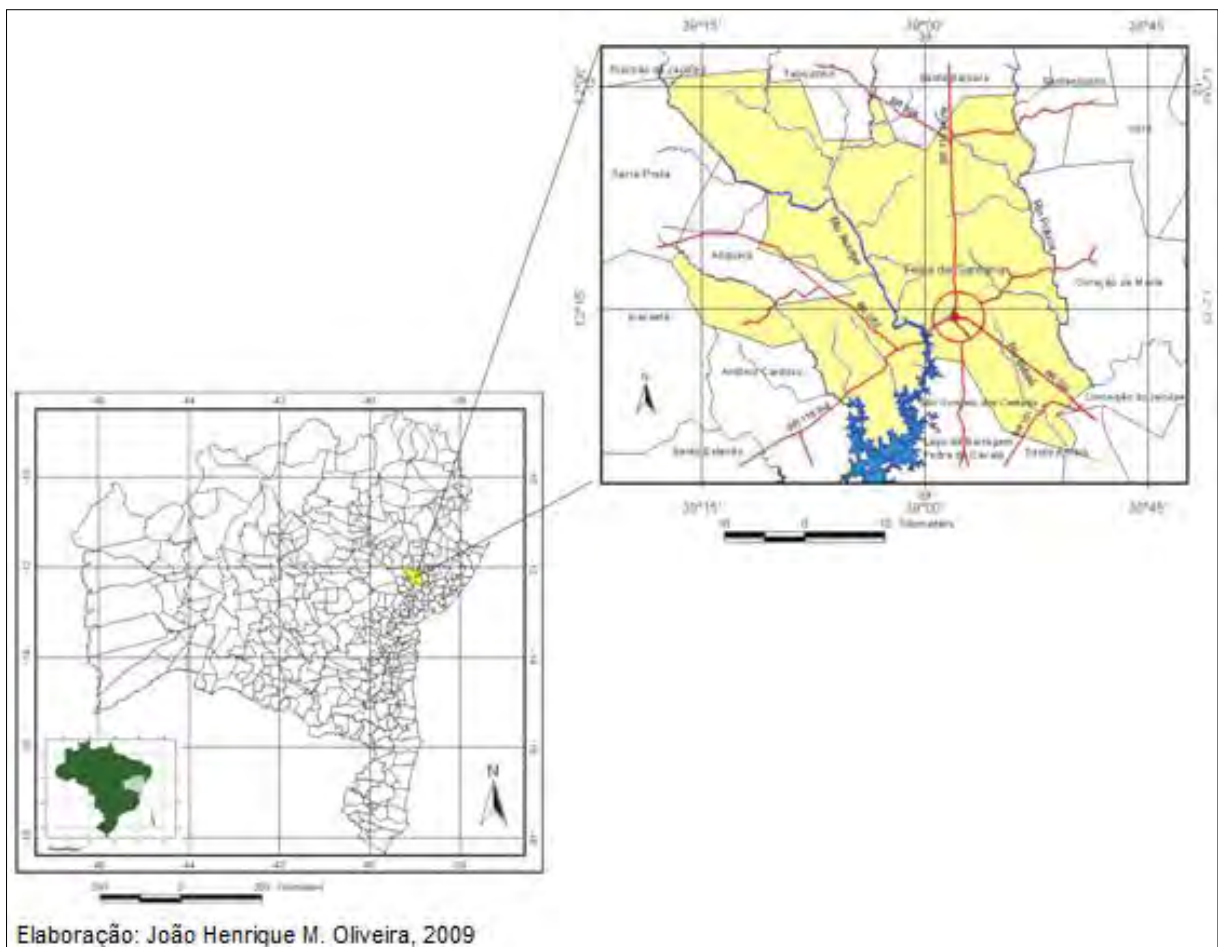


Figura 01: Localização do Município de Feira de Santana

A produção do espaço de Feira de Santana está vinculada ao período de avanço do capitalismo mercantil está associada à expansão territorial dos países europeus, tendo como suporte a pecuária, atividade econômica secundária no contexto da economia mundial. O cultivo da cana-de-açúcar predominava naquele momento, mas existia o cultivo de tubérculos, milho e feijão, a pecuária

também foi realizada, “[...] mas a pecuária, apesar da importância relativa que atinge, e do grande papel que representa na colonização e ocupação de novos territórios, é assim mesmo uma atividade nitidamente secundária e acessória” (PRADO JR. 1963, p. 44).

E mesmo diante de condições desvantajosas em relação ao clima, por se tratar de uma área de clima semiárido, a ocupação do sertão foi sendo realizada não com um número elevado de habitantes, mas com condição de dispersão no território. O processo de ocupação do espaço onde posteriormente se constituiria o município de Feira de Santana se vincula ao processo de ocupação relacionado à pecuária, seguindo a lógica implementada no período colonial no Brasil, onde

[...] à pecuária se deve a ocupação de boa parte do território da colônia, e calculado em área efetivamente colonizada, ela ultrapassa a mineração. Vimos também que as fazendas de gado se alastram sempre por contiguidade, a partir de um ponto que representa o seu centro de irradiação. É esta a forma característica pela qual o povoamento que as acompanha se vai estendendo pelo interior. Aqueles centros de erradicação correspondem sempre a um núcleo agrícola, às vezes minerador (PRADO JR, 2008, p. 59).

O início da ocupação da área onde se instituiria o município de Feira de Santana ocorreu aproximadamente em 1640, com a divisão do território em capitâncias hereditárias e a consequente criação das fazendas de gado. Especificamente em relação às terras que formariam o município, a família Peixoto Viegas adquiriu a sesmaria de Tocos, que, de acordo Telma Santos, “[...], compreendia as terras de Itaporocas, Jacuípe e Água Fria no atual território baiano, onde se originaria mais tarde o primeiro núcleo de ocupação de Feira de Santana” (SANTOS, 1999, p. 30-31). Nesta sesmaria, iniciou-se o povoamento, e foi estabelecida a “casa forte e a igreja de São José de Itaporocas, que em 1696 constitui-se em freguesia” (SANTOS, 1999, p. 32). O lugar passou a ser utilizado por tropeiros como passagem para o transporte de gado e com os primeiros núcleos de povoamento.

As terras da freguesia ficaram com a família Peixoto Viegas por algumas gerações, até segunda metade do século XVIII, “aproximadamente em 1732 e em razão de problemas com heranças, as terras da família foram fragmentadas em várias fazendas, e dentre estas, a Sant’Ana dos Olhos d’Água comprada pelo casal Araújo/Brandão” (SANTOS, 1999, p. 33). O casal se instalou numa parcela de terra resultante da divisão, e construiu uma capela em homenagem a Sant’Ana.

Algum tempo depois da construção da capela, tornou-se ela um ponto de encontro para o povo do distrito, que aí se reunia para fazer orações, visitas e negócios. Dessa maneira, a pouco e pouco se ia desenvolvendo uma feira periódica em Santana dos Olhos d’Água. A feira, que teve início no primeiro quartel do século dezoito, deu o seu nome a Feira de



Santana dos Olhos d'Água, depois se chamou simplesmente de Feira de Santana (POPPINO, 1968, p. 20).

Ao redor da capela se desenvolveu a feira, e por se tornar um ponto de encontro favoreceu o crescimento da ocupação do local. No decorrer do século XVIII, a feira se consolidou. O município foi crescendo e alcançando significativa importância, especialmente por conta das atividades comerciais nele desenvolvida.

A grande relevância do comércio não impossibilitou que outras atividades fossem realizadas, se no início do processo de povoamento a divisão do trabalho estava pautada na produção predominante de produtos agropecuários, mas no decorrer do processo podem-se observar mudanças paulatinas que auxiliam a compreender as transformações no espaço urbano de Feira de Santana. a atividade industrial também vai ser praticada, inicialmente, contudo, mesmo que de forma incipiente, pois verifica-se que

Em uma zona que se dedicava à agricultura e à pecuária, a indústria progredia muito devagar. No período anterior a 1860, qualquer manufatura em escala comercial era praticamente ignorada em Feira de Santana. A indústria do município dedicava-se ao beneficiamento, em pequena escala, de carne, das peles e dos produtos da terra, bem como à manufatura doméstica de artigos caseiros ou de utilidade nas fazendas e roças (POPPINO, 1968, p. 73).

Considerando as características particulares no período da colônia, a atividade industrial não era priorizada, o que também não ocorreu no espaço onde se estabeleceu o município de Feira de Santana. As poucas referências de indústria são destinadas ao beneficiamento de produtos locais, sendo uma atividade de menor expressão até meados do século XX.

2. Modernização, industrialização e transformações no espaço urbano de Feira de Santana.

Apesar do crescimento inicial do povoado estar vinculado à agropecuária, ao longo do processo histórico verifica-se que em Feira da Santana apresenta uma diversificação das atividades econômicas, apresentando agropecuária, comércio e serviços, e industriais, sendo importante elemento para compreender a sua produção espacial, uma vez que de acordo com Santos, “o espaço territorial de Feira de Santana, na atualidade, expressa ainda o seu passado agro-comercial, como também,



novas configurações resultantes de uma dinâmica industrial que vem a cidade de Feira de Santana”. (SANTOS, 1999, p. 44).

A análise da produção do espaço urbano de Feira de Santana, especificamente a partir da década de 1970, permite observar as mudanças que ocorreram para atender à demanda do processo de modernização que estava sendo implementado no Brasil.

A análise do processo de mudança no espaço urbano Feira de Santana perpassa por compreender como a reestruturação produtiva interfere na produção tanto agrícola como industrial do mesmo, especialmente, porque na medida em que estas eram implantadas, eram necessárias modificações tanto estruturais, como sociais e econômicas que permitem compreender a dinâmica do espaço urbano, que estava seguindo a lógica praticada em todo o país, pois

O chamado milagre brasileiro do período 1967-73 teve como sustentáculo, por um lado, os resultados obtidos pela política de estabilização de 1964-67 e, por outro, uma política de desenvolvimento que consolidou e intensificou o modelo de substituição de importações que reservava ao Estado um papel empreendedor ainda mais importante. Por volta de 1974, a despeito dos sinais de que o milagre havia se desfeito. Manifestos pelo impacto que a crise mundial do petróleo exerceu no Brasil, o mesmo caminho continuou a ser trilhado. Uma ambiciosa política de substituição de importações de bens de capital e matérias-primas, sustentada por investimentos do setor público e por empréstimos estrangeiros, foi a estratégia seguida. (KINZO, 2001, p. 4)

O processo de industrialização voltado para a substituição das importações auxiliou também a promoção de mudanças no campo; e as novas tecnologias e a utilização de insumos ampliaram a capacidade produtiva.

As transformações nas cidades brasileiras se intensificaram na medida em que se diversificava a atividade produtiva no país, o que possibilitou o avanço do poder econômico que a cidade desempenha. Neste sentido, o país foi aos poucos se inserindo na nova dinâmica para se manter na competição e ampliar as possibilidades de acumulação, e Feira de Santana estava inserida neste contexto, passando por transformações, ampliando a sua capacidade produtiva. Deste modo,

A diversificação das atividades produtivas e a industrialização – [...] – trarão grandes modificações da economia brasileira, e representam sem dúvida um passo considerável no sentido da superação do velho sistema de colônia produtora de gêneros de exportações (PRADO JR, 1968, p. 126-127).

Com o início da industrialização, a economia brasileira passa por um avanço técnico, ainda com limitações e sem alterar de forma significativa o modo de produzir estabelecido no campo. E a



cidade passa a se destacar como espaço de possibilidades, mas também de contradições, pois as desigualdades são mais perceptíveis.

É importante salientar que a modernização aqui compreendida como processo de inovações tecnológicas associada à divisão do trabalho com o objetivo de promover o crescimento, sem, contudo mudar as estruturas políticas e sociais, pois com afirmam Becker e Egler “A combinação do projeto geopolítico com o autoritarismo histórico resultou numa modernização conservadora, implicando profundas transformações e contradições que acabaram desestabilizando o regime no início dos anos oitenta.” (Becker e Egler, 2003, p.124).

Deste modo, houve uma transformação na base produtiva do país, principalmente com a implantação da atividade industrial, o que trouxe inovações técnicas, porém, por estarem balizadas em uma sociedade capitalista, as contradições, que já existiam quando predominava a atividade agrário-exportadora, se mantiveram mesmo com a modernização.

Especificamente em Feira de Santana o processo de modernização se intensificou na década de 1970, tendo além do crescimento da ocupação do espaço de um modo geral, a construção do Centro Industrial Subaé e do Centro de Abastecimento, estas duas obras ajudaram a promover significativas mudanças no espaço urbano.

A análise sobre as transformações que ocorreram na Feira Livre de Feira de Santana na década de 1970 fornecem subsídios para compreender algumas das transformações que ocorreram no espaço urbano, pois as mudanças que ocorreram no campo brasileiro, as quais produziam demandas novas que influenciavam a organização da distribuição e circulação dos produtos agrícolas. A ampliação da capacidade produtiva do campo influenciou a construção de um local em Feira de Santana que favorecesse à troca destes produtos, em atendimento a uma demanda crescente, especialmente por ser um município que possui um importante entroncamento rodoviário para a distribuição e circulação da produção do país. No entanto, é importante destacar que esta condição é resultado da intervenção do Estado, uma vez que

[...] a simples característica de “entroncamento” não poderia por si só explicar a importância do setor terciário local. Todavia, esta situação favorece a concentração e a diversificação de capitais, principalmente quando o Estado age deliberadamente no sentido de reforçá-la (CRUZ, 1999, p. 233).

A atuação do Estado foi também importante para a consolidação de Feira de Santana enquanto “entroncamento” rodoviário, o que favoreceu o crescimento do potencial de comércio do



município. E a partir da década de 1970 o processo de modernização ampliou as possibilidades de ampliação e transformação do espaço urbano da cidade. Até este período a Feira Livre se realizava no centro da cidade, se estendendo por importantes avenidas, como a Senhor dos Passos, como é possível observar na figura abaixo.

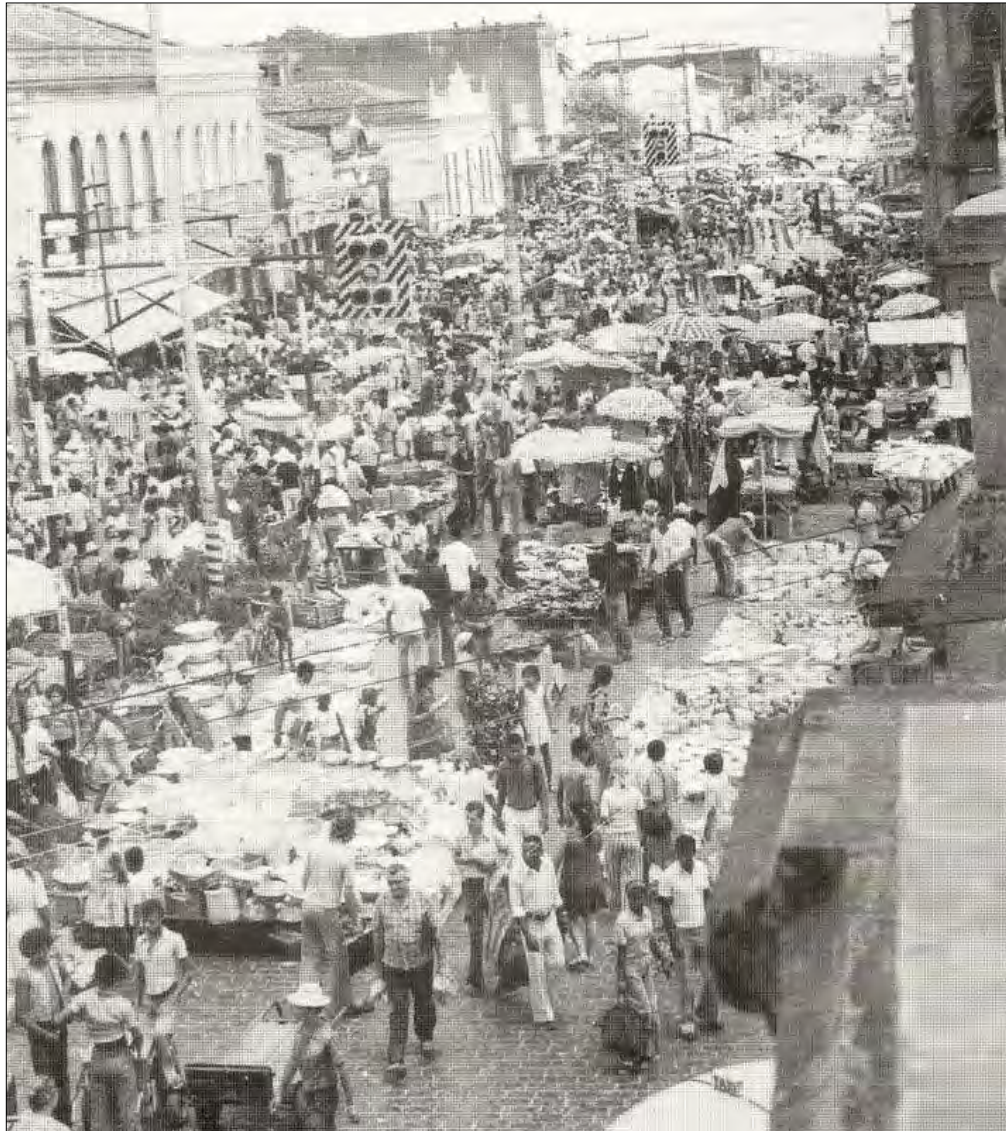


Figura 02 – Feira Livre na Avenida Senhor do Passos em Feira de Santana, década de 1970.

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-FuWKijEaMYo/Tjll1ecg23I/AAAAAAAAAGY/B4X1MsAQ8hA/s1600/FEira+livre+na+senhor+dos+passos.jpg>

A construção do Centro de Abastecimento foi tratada como fator preponderante para o crescimento de Feira de Santana, representando a modernização, as transformações que ocorreram no centro comercial da cidade atenderam a dinâmica do capital, garantindo a continuidade da diversificação econômica da cidade.

Esta transferência atende aos interesses do capital, especificamente durante a década de 1970, quando os interesses estavam voltados para ampliar o processo de industrialização e diversificar o comércio, neste sentido, retirar a Feira Livre do centro da cidade possibilitava a implementação do projeto de modernização.

Após mais de quarenta anos da intensificação do processo de modernização em Feira de Santana, é possível observar que a cidade se insere de modo significativo na lógica do capital, a ampliação do parque industrial, bem como da ocupação do espaço urbano, do aumento populacional evidenciam o crescimento da cidade. Na figura abaixo é possível verificar como se encontra a Avenida Senhor dos Passos nos dias atuais, o local onde era realizada a Feira Livre continua sendo uma importante avenida para o comércio da cidade, mas com outra perspectiva, que atende ao varejo com loja e movimento intenso todos os dias.



Figura 03: Avenida Senhor dos Passos em Feira de Santana, década 2000.

Fonte: <http://i257.photobucket.com/albums/hh204/tonywesley/fsa%20ssc%20mar%202011/fsa250.jpg>

Deste modo, observamos a dinamicidade do espaço urbano, o qual é produzido de acordo como as necessidades socialmente construídas, neste sentido é importante considerar que a cidade se torna meio material para a efetivação do capitalismo, pois “a cidade – sobretudo a grande cidade – constitui um meio material e um meio social adequados a uma maior socialização das forças produtivas e de consumo.” (SANTOS, 2009, p. 116). Tem-se, portanto, um espaço no qual se materializam as condições necessária para a efetivação do modo de produção.

Considerações Finais

Considerando que a produção do espaço urbano é resultante do desenvolvimento do modo de produção, e, especificamente como este se desenvolve na sociedade capitalista, possibilita compreender que no espaço são materializadas as condições para acumulação do capital, o que varia de acordo com cada momento histórico, logo as transformações que ocorrem tanto na estrutura, quanto na dinâmica realizada neste espaço refletem o processo constante de mudanças pelas quais o mesmo passa na tentativa constante de manter e ampliar as formas de acumulação de capital.

Observando, especificamente o processo de produção do espaço urbano de Feira de Santana as transformações que ocorreram no decorrer do tempo histórico, refletem a utilização do espaço para garantir a continuidade do processo de avanço do capitalismo, pois as interferências na dinâmica da distribuição e circulação da produção agropecuária, com a alteração do local de realização da Feira Livre, mostram que o espaço estava sendo preparado para atender aos interesses do modo de produção em cada momento histórico.

Neste sentido, considerando que desde a origem do município de Feira de Santana a Feira Livre faz parte da sua realidade, e que no decorrer do processo passou por transformações, aumentando sua capacidade de comercialização e atraindo um número cada vez maior de produtores que utilizam o local para escoar sua produção, bem como de consumidores do próprio município e das localidades limítrofes. Tais mudanças auxiliam a perceber a dinamicidade do espaço urbano, pois se trata de uma produção social, que passa por mudanças de acordo com os interesses sociais e econômicos no decorrer do processo.

Assim, no processo de produção do espaço urbano diferentes aspectos são determinantes, nesta pesquisa consideraram-se as transformações na dinâmica da Feira Livre, pois as mesmas



permitem observar como o espaço urbano foi e é produzido para atender a demanda do capital. Neste contexto, a construção do Centro de Abastecimento, não foi uma opção apenas para organizar o centro da cidade de Feira de Santana, mas sim uma estratégia para atender a demanda crescente da distribuição e circulação da produção agrícola crescente no país, a qual teve rebatimentos na estrutura urbana da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, B. K. & EGLER, C. A. G. **Brasil**: Uma nova potência regional na economia-mundo. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BERNARDELLI, Mara L. da H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B. & WHITACKER, A. M. (orgs). **Cidade e Campo**: relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **A Geografia do espaço da miséria**. Scientia Plena. Vol. 1, Num. 6, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Lucas G & CONCEIÇÃO, Alexandrina luz. **A produção do espaço e da escala pelo capital**. Contra a Corrente. Ano 2, N. 3, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I, Volume 1. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

PRADO JR, Caio. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PRADO JR, Caio. **História econômica do Brasil**. Gráfica Urupês S.A. São Paulo, 1963.

SANTOS, Telma M. S. dos. **Territorialidade da indústria de alimentos Parmalat em Feira de Santana Bahia**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

